

Bruno Amaral de
Andrade
Renata Hermannny de
Almeida

P

ATRICK GEDDES e A ESCOLA
TERRITORIALISTA ITALIANA:
APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS e
METODOLÓGICAS. REFLEXÕES A
PARTIR DA PARTICIPAÇÃO DE
CRIANÇAS NA REPRESENTAÇÃO DE
VALORES PATRIMONIAIS DA CIDADE
DE SANTA LEOPOLDINA – ES / BRASIL

RESUMO

O estudo de Patrick Geddes sobre a criança na cidade reporta às Mostras sobre o Bem-Estar da criança, bem como ao interesse por estudos acerca das origens históricas e geográficas das cidades, a partir de fábulas ligadas às condições simples e naturais da relação do homem com o meio ambiente, por exemplo, estórias de caçador, mineiro, lenhador, pastor, camponês e pescador. A Escola Territorialista Italiana, de Alberto Magnaghi, revisita de maneira crítica e reflexiva a abordagem participativa precursora do pensamento geddesiano e desenvolve método, técnica e instrumento para a participação de crianças como atores-protagonistas na representação e no projeto do território. Com efeito, este artigo discute a representação de valores por crianças em sítio histórico de valor patrimonial, originalmente ocupado por imigrantes de origem germânica, a cidade de Santa Leopoldina, no Estado do Espírito Santo, Brasil. Isso é feito tendo por referência desenhos elaborados por alunos de faixa etária entre 11 e 15 anos, desenvolvidos individual e coletivamente. Os desenhos, produzidos por diferentes estratégias lúdico-pedagógicas, revelam maior relação afetiva com o ambiente paisagístico do que com o ambiente urbano.

PALAVRAS-CHAVE

Geddes, Patrick, 1854-1932. Escola Territorialista Italiana. Representação de valores. Participação de crianças. Santa Leopoldina – ES/Brasil.

PATRICK GEDDES Y LA ESCUELA TERRITORIALISTA ITALIANA: ENFOQUES CONCEPTUALES Y METODOLÓGICOS. REFLEXIONES DESDE LA PARTICIPACIÓN DE NIÑOS EN LA REPRESENTACIÓN DE LOS VALORES PATRIMONIALES DE LA CIUDAD DE SANTA LEOPOLDINA – ES / BRASIL

PATRICK GEDDES AND THE ITALIAN TERRITORIALIST SCHOOL: CONCEPTUAL AND METHODOLOGICAL APPROACHES. REFLECTIONS ON THE PARTICIPATION OF CHILDREN IN THE REPRESENTATION OF HERITAGE VALUES AT SANTA LEOPOLDINA CITY – ESPÍRITO SANTO STATE /BRAZIL

RESUMEN

El estudio de Patrick Geddes sobre el niño en la ciudad, que se remonta a las Exhibiciones del Bienestar del Niño, así como el interés por los estudios de los orígenes históricos y geográficos de las ciudades desde fábulas vinculadas a las condiciones simples y naturales de la relación del hombre con el medio ambiente; por ejemplo, historias de cazador, minero, leñador, pastor, agricultor y pescador. La Escuela Territorialista Italiana, de Alberto Magnaghi, revisita de manera crítica y reflexiva el abordaje participativo precursor del pensamiento geddesiano, y desarrolla el método, la técnica y herramienta para la participación de los niños como actores-protagonistas en la representación y en el proyecto del territorio. De hecho, este artículo aborda la representación de los valores por los niños en sitio histórico, originalmente ocupado por inmigrantes de origen germánico, la ciudad de Santa Leopoldina, Espírito Santo, Brasil. Esto es hecho con diseños de referencia desarrollados por estudiantes de edades comprendidas entre 11 y 15 años, desarrollados individual y colectivamente. Los dibujos producidos por diferentes estrategias recreativas y educativas, revelan una mayor relación emocional con el ambiente paisajístico que con el ambiente urbano.

PALABRAS CLAVE

Geddes, Patrick, 1854-1932. Escuela Territorialista Italiana. Representación de valores. Participación de los niños. Santa Leopoldina – ES / Brasil.

ABSTRACT

The study conducted by Patrick Geddes of the child in the city, dates back to the *Child-Welfare Exhibitions*, as well as his interest in studies of the historical and geographical origins of cities, based on fables linked to the simple and natural condition of man in his relationship with the environment, in narratives of hunters, miners, lumberjacks, shepherds, farmers and fishermen. The Italian Territorialist School, from Alberto Magnaghi, revisits critically and reflectively the pioneering participatory approach of the Geddesian thought, and develops methods, techniques and tools for the participation of children as actors-protagonists in the representation and in designing the territory. Indeed, this article discusses the representation of heritage values by children, at a historical site originally occupied by Germanic immigrants, which is the city of Santa Leopoldina, located in the state of Espírito Santo, Brazil. In order to conduct the research, we have made use of the drawings executed by students, age between 11 and 15 years, developed individual and collectively. The drawings, produced through different recreational and educational strategies, reveal greater emotional relationship with the landscape environment than with the urban environment.

KEYWORDS

Patrick Geddes. Italian Territorialist School. Representation of Values. Children's Participation. Santa Leopoldina City – Espírito Santo State / Brazil.

À ATUALIDADE DE PATRICK GEDDES NO CAMPO DO PLANEJAMENTO URBANO

A relevância da obra de Patrick Geddes, no que tange à discussão da dupla temática “Participação cidadã e Representação de Valores”, é considerada contemporânea, dada a atualização de suas proposições e ações ao *patrimônio urbano* articulados aos endereços projetuais de conservação, valorização, requalificação e transformação, com suporte ativo de atores sociais locais (MAGNAGHI; GIACOMOZZI, 2009; MAGNAGHI, 2010). Da criação da *Civics*, ramo da sociologia que estuda a cidade, à constituição da *Outlook Tower*, observatório e laboratório urbano, o pensamento geddesiano tece uma correlação entre pensamento e ação, ciência e prática, sociologia e moral, tendo como lema “*Levantamento Urbano para o Serviço Urbano*” (GEDDES, 1994). Este artigo propõe um recorte temático no que se refere à participação das crianças, com o intuito de investigar a releitura da proposição de Geddes pela Escola Territorialista Italiana, com um particular interesse na compreensão da relação de valores com o território, por meio da técnica de livre expressão, representada por desenhos infantis relativos à cidade de Santa Leopoldina, no Estado do Espírito Santo, Brasil.

Choay (2008, p. 11-12) classifica o pensamento geddesiano no urbanismo *antropopoli*, identificado como uma linha teórica-crítica de “segundo grau” correspondente ao modelo culturalista de “projeção espacial, de imagens, da cidade futura”. Em consonância com Marcel Poète, Lewis Mumford, Jane Jacobs, Leonard Duhl e Kevin Lynch, Geddes buscar e integrar o problema urbano no seu contexto global, com referências fornecidas pela antropologia descritiva. O seu caráter empírico e a variedade de angulação teórico-metodológica permitem a identificação de três tendências correspondentes a três abordagens metodológicas. Geddes está presente na abordagem *Assentamento humano como raiz temporal: uma urbanística de continuidade*, e a afirmação da necessidade de reintegrar o homem concreto e completo no processo de planejamento urbano, valorizando a história e o patrimônio. Propõe um projeto urbano a partir de um levantamento analítico acerca de um conjunto complexo de fatores, com referência ao método *sociological surveys*.

Geddes (1994, p. 117-118) salienta ser a verdadeira cidade aquela governada pelos próprios habitantes, cujo ideal da relação cidadão e autogoverno remonta à antiga acrópole grega. Explica que os esquemas de planejamento vigentes no início do século 20 são unilaterais e direcionados majoritariamente ao desenvolvimento industrial, com insuficiente proposição de espaços públicos, considerados elementos essenciais para a sobrevivência humana e a participação da comunidade local. O estudo sobre a criança na cidade remonta às “Mostras sobre o Bem-Estar da criança”, bem como seu interesse por estudos das origens históricas e geográficas das cidades a partir da perspectiva das crianças, ligadas às condições simples e naturais da relação do homem com o meio ambiente, que narram histórias de caçador, pastor, mineiro, lenhador, camponês e pescador. Operacionalmente, sugere a realização de um “Levantamento Urbano” como uma forma de conhecimento sistemático da história e do desenvolvimento da cidade, dotado de teoria urbana e interpretação sociológica. O “Levantamento de Edimburgo”, realizado na *Outlook Tossir* e apresentado na “Mostra de Planejamento Urbano: informes e

objetivos”, realizada em Ghent, em 1913, é apresentado como um projeto piloto para a análise de cidades, grandes e pequenas, nas quais “[...] a arquitetura [...] não é mais do que a expressão cambiante desse grande processo, e o seu planejamento não é mais que um registro, ou melhor, é o palimpsesto” (GEDDES, 1994, p. 118). Defende, ainda, a criação da *Outlook Tower* como observatório e laboratório urbanos, instituição necessária em cada cidade, tecendo uma correlação entre pensamento e ação, ciência e prática, sociologia e moral, com o lema “*Levantamento Urbano para o Serviço Urbano*” (GEDDES, 1994, p. 131). Para evitar a estagnação ou o declínio das cidades, Geddes (1994, p. 143) cita, respectivamente, o caso de Edimburgo e Dundee, e o de Dublin, explicando ser somente possível propor diagnóstico e respectivo tratamento por meio de um levantamento prévio, estudando causas e efeitos de cada caso.

Ao definir como finalidade do planejamento urbano o atendimento às necessidades da vida na cidade, o ajuste de seu crescimento e o fomento ao seu progresso, Geddes não só posiciona a compreensão da cidade como objetivo, como afirma o papel fundamental da educação para o planejamento urbano, no que se refere à formação técnica de planejadores e à instrução da população. Sugere uma *School of Civics*:

[...] com seu observatório e museu de levantamento, seus escritórios de desenho e escritório comercial, deve tornar-se uma instituição familiar em cada cidade, com sua biblioteca especializada, em franco desenvolvimento, com muitos usuários, tudo como se fosse uma verdadeira central elétrica de pensamento e empreendimentos urbanos (GEDDES, 1994, p. 143-144).

Geddes reflexiona ainda a respeito do conceito de *Centro Urbano*, para além de um amontoado de monumentos, como um *locus* de interação vital entre pensamento e ação. Esse entendimento é promovido a partir de estudos relacionados às cidades clássicas e grandes capitais; raça, população e bem-estar da criança; e origens geográficas e históricas. Da mesma maneira, salienta a importância da investigação da “Ciência das Cidades”, para rever as atividades urbanas do passado, as necessidades do presente, e as possibilidades do futuro; apontando caminhos projetuais para o reencontro com a visão e realização da arte do passado de construir cidades - que supõem cidadania - como uma possibilidade de orquestrar sentimento social e projeto racional.

Para compreender a memória e o espírito da cidade, suas qualidades e defeitos, seu lugar na história da civilização, é preciso vivenciá-la, pois “se estamos em Roma, sejamos como os romanos”; “*sintamo-nos em casa, integrados na vida e nas atividades características da cidade, nos movimentos culturais e sociais desse lugar que nos acolhe por um pouco de tempo*”. O planejador urbano deve partilhar da vida e do trabalho na comunidade, a fim de realizar uma avaliação e discernir as potencialidades social, econômica e cultural do lugar, pois “*o desapego científico é apenas uma postura, embora muitas vezes necessária; nosso propósito não pode ser atingido sem uma participação na vida ativa dos cidadãos*” (GEDDES, 1994, p. 148).

Não obstante, segundo Geddes, o estudante e o urbanista necessitam de experiências profundas, abrangendo o campo educacional, político e social,

pois “(...) há muito o que se dizer sobre o valor das fundações, de seus cooperadores, das pessoas e organizações que elas influenciam” (GEDDES, 1994, p. 149). Munido dessa constatação e do estudo comparativo de cidades na Europa e nos Estados Unidos, desenvolve método de pesquisa e estudo urbano, com um sistema de prática e aplicação, exemplificado na *Outlook Tower* da velha Edimburgo, um velho e imponente edifício, onde é possível enxergar a cidade e grande parte de sua região, e, assim, cada visitante possui uma experiência do valor educativo da visão sinóptica. Enaltece, ainda, a abordagem estética e emocional da visão do alto da torre para a cidade por cada visitante, principalmente pelas crianças, pois, como não pode haver estudo geográfico separado do amor e da beleza da natureza, o alcance perceptivo cognitivo das crianças pode ser exatamente o que falta ao estudante e urbanista (GEDDES, 1994, p. 150).

Quanto às pesquisas escolares sobre métodos pedagógicos e o significado dos levantamentos na educação e na filosofia, Geddes revela que a opção mais rica de esperança e possibilidades está no trabalho com a escola primária. Sugere que no movimento de estudo da cidade, e da natureza, através da participação das crianças, é possível correlacionar e vitalizar investigações dinâmicas e aplicáveis, como as experiências de viagens escolares e o de escotismo. Cita o experimento de *Valentine Bell*, em uma escola primária de Lambeth, onde os alunos auxiliam em levantamento do bairro, cuja repercussão provoca admiração e motivação em docentes e escolas na Europa, principalmente na Grã-Bretanha, constituindo-se em precursora de movimentos do tipo “Conheça sua cidade”. A atualidade do discurso de Geddes (1994, p. 156) é reafirmada quando defende a existência de energias vitais advindas do entusiasmo pela cidade, presentes, principalmente, nos trabalhadores, nos artistas, nas mulheres e nas crianças.

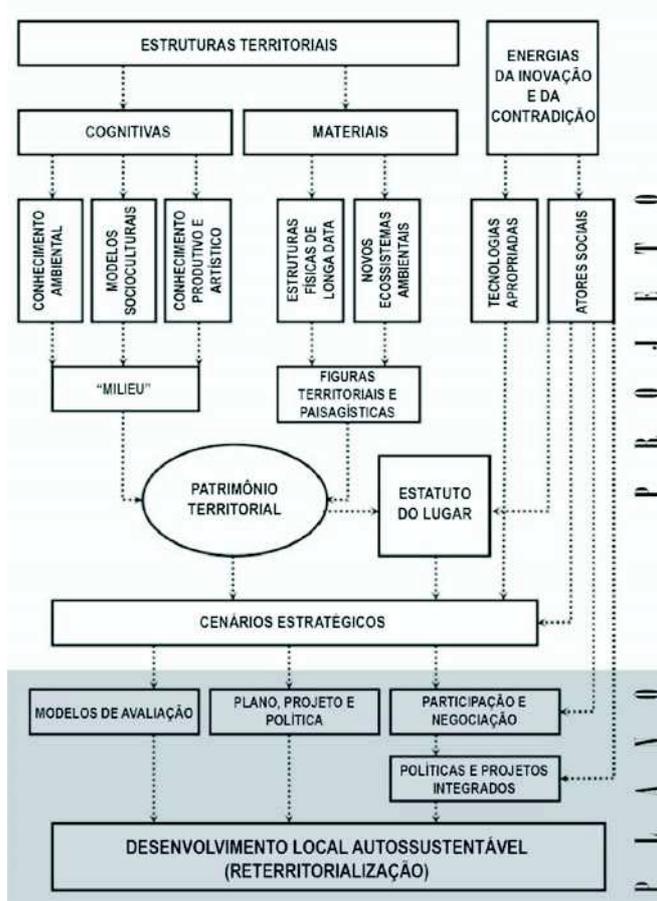
Por fim, além das questões ambiental e participativa, destaca-se a abordagem multidisciplinar de Geddes, denotativa da necessidade de ruptura das barreiras entre as disciplinas envolvidas no planejamento urbano, contribuindo para o desenvolvimento de um princípio básico de unidade; abordagem essa retomada, discutida e ampliada pela Escola Territorialista Italiana. Essa, desde sua criação, envolve diversos laboratórios e conduz pesquisas e projetos por meio de integração disciplinar. Associada à escola, a Sociedade dos Territorialistas (SdT), grupo estendido para além da Itália com o intuito de estudar a problemática do território e propor saídas de desenvolvimento sustentáveis, dedica-se à formação de especialistas em ciência do território e projeto participativo, inclusive com escolas primárias.

O PLANEJAMENTO URBANO SEGUNDO A ESCOLA TERRITORIALISTA ITALIANA

Alberto Magnaghi, urbanista italiano, cria a Escola Territorialista Italiana, no final do século 20, para debater a problemática no território italiano numa visão multidisciplinar. Esta escola origina a constituição de uma constelação metodológica denominada abordagem territorialista italiana (endógena) ou antropobiocêntrica (abrangente), estruturada em cinco movimentos de pesquisa e intervenção, por meio da observação e da representação da

identidade em suporte ao planejamento e gestão do território (MAGNAGHI, 2001, 2005, 2007, 2010). A abordagem endógena propõe endereços projetuais de conservação, valorização, requalificação e transformação para figuras territoriais e paisagísticas inseridas em ciclos territorialização, desterritorialização e reterritorialização, de longa duração ou não. Já a abordagem abrangente se configura a partir de um conjunto de métodos, técnicas e instrumentos teórico-científicos direcionados à salvaguarda e desenvolvimento do patrimônio territorial (MARGUCCIO, 2009).

Segundo Magnaghi (2005, p. 7-8) o retorno do lugar no projeto ocorre em cinco movimentos: 1) definição, a nível teórico e metodológico, do significado do conceito de desenvolvimento local autossustentável; 2) definição de metodologia e técnica de representação identitária do lugar, organizada em formato de um atlas do patrimônio territorial; 3) elaboração do estatuto do lugar (regras para a transformação; 4) elaboração de visões estratégicas do futuro (cenários) fundamentados na valorização do patrimônio, definidos no estatuto do lugar; e 5) redefinição dos instrumentos e do processo de planejamento a partir da revisão dos primeiros quatro movimentos. Os cinco movimentos são sintetizados no esquema de processo analítico projetual para o desenvolvimento local autossustentável (Figura 1).



Como explicado por Magnaghi (2005, p. 8), o esquema distingue o processo de planejamento em plano, projeto e política, com intuito de conduzir a uma reterritorialização direcionada em desenvolvimento local autossustentável. O plano está relacionado à metodologia, o projeto ao cenário estratégico e a política à criação de um estatuto do lugar. Com efeito, o processo é auto estruturado a partir do reconhecimento dos valores patrimoniais e da criação de regras estatutárias pela comunidade local, para a conscientização de sua capacidade para projetar o próprio futuro. Todos os cinco movimentos para o retorno do lugar no projeto são caracterizados por um axioma: a comunidade local, sujeitos portadores de auto sustentabilidade e autogoverno.

O território não é um asno, não é um animal de carga, um mero instrumento passivo e suporte de exploração pelas atividades

Figura 1: Processo metodológico para um desenvolvimento local autossustentável. Tradução. Fonte: MAGNAGHI, 2005.

humanas. É fruto de uma relação sinérgica entre as dimensões ambiental, antrópica e socioeconômica, que requer um diálogo constante, um relatório ativo, referenciada no entendimento de que o território é um ser vivente de alta complexidade (MAGNAGHI, 2010, p. 62). No que se refere a essa relação sinérgica, os territorialistas propõem “fazer sociedade local”, o que significa orientar e incentivar a comunidade a respeito de sua parcela de responsabilidade pela conservação e transformação da cidade, dado esse importante ao entendimento da participação na gestão do território. Ou seja, o objetivo principal do projeto territorialista, o “desenvolvimento local autossustentável” fundado no reconhecimento e na valorização da identidade local, deve ser primeiramente um “desenvolvimento da sociedade local”, o que significa a recuperação de sua capacidade de plasmar seu próprio ambiente de vida e de relações socioeconômico-culturais.

Magnaghi (2010), Choay (2008) e Geddes (1904) estão em consonância no referente à concepção de patrimônio, a qual inclui o conceito de continuidade do tempo e da história, e exclui radicalmente a ideia de conservação como repetição, e adotando o princípio da reinterpretação e transformação. Esta concepção comprova a atualidade do pensamento geddesiano, desta vez, relacionada à abordagem da dimensão patrimonial do planejamento urbano e territorial, no projeto territorialista, relacionado ao cenário estratégico e seus quatro possíveis endereços, podendo ser correlacionados conservação, valorização, requalificação, transformação (MAGNAGHI; GIACOMOZZI, 2009).

EDUCAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO URBANO

Com vistas a ilustrar o interesse de Geddes nas crianças, Ferraro (1998, p. 245) revela que há uma influência interessante de Nietzsche, observada em sua passagem pela Índia, entre 1914 e 1924, por meio do aceite a um convite zarathustriano de ser: uma criança, aberta à maravilha do mundo e à exaltação da vontade, com energia de interpretação e de ação, *wherethereis a will, thereis a way*. Ferraro (1998, p. 257) complementa a análise do que denomina antropologia geddesiana, em seu aspecto vitalista, segundo a qual se aprende vivendo, trabalhando, desenhando, cantando, e dançando, da infância em diante, culminando em crianças felizes, jovens alegres e homens eficazes, arquétipos dionisíacos e apolíneos. Por fim, ao enviar cartas a sua filha Norah, Geddes pontua que inicia uma busca por observar as coisas como uma criança e se libertar da divisão masculina do trabalho, mecânica e institucional, esforçando-se a pensar *re-sinteticamente* (FERRARO, 1998, p. 103).

Revisitado, Geddes tem sido apontado como o pai da educação ambiental. Em 1904, explana pedagogicamente que as crianças, em contato com a realidade de seu ambiente, possuem não somente uma melhor possibilidade de aprendizagem, como desenvolvem atitudes criativas em relação ao mundo. Frente a isso, apresenta sua preocupação com os efeitos do processo de urbanização e suas consequências para o ambiente natural, decorrente da revolução industrial (DIAS, 2002). O termo educação ambiental é internacionalmente aceito a partir da Conferência de Educação Ambiental de Tbilisi, de 1977, e dos enunciados da Unesco. Autores da última década

demonstram a atualidade do pensamento pedagógico geddesiano: Kindel (2006), ao afirmar que a educação atual é um modelo de aprendizado fragmentado, que não propicia uma articulação entre o ambiente local e o contexto global; e Lindner (2000), ao apresentar a educação ambiental como uma nova filosofia de vida, de visão ecológica, relacionando o desenvolvimento das relações de conhecimento entre o homem e o ambiente natural.

Da constelação conceitual e metodológica do ideário de Geddes, retomada e provada na atualidade pela Escola Territorialista Italiana; e da busca por um desenvolvimento local autossustentável (MAGNAGHI, 2010), destaca-se: 1) a questão ambiental, recordada em particular pela definição *bio-anthropocentrica valleysection*, que propõe uma relação histórica coevolutiva entre as dimensões ambiental, econômica e antrópica, e constitui a conceitualização dos territorialistas de biorregião urbana (MAGNAGHI, 2014, p. 8); e 2) a questão da participação, ampliada à educação e à pedagogia, ao estabelecer uma dialética conceitual como pensamento geddesiano, referente à proposição de um percurso de transformação cultural dos habitantes, dos valores patrimoniais, dos bens comuns territoriais (materiais e cognitivos), enquanto elementos essenciais para a reprodução da vida individual e coletiva, biológica e cultural.

O conceito de participação é definido por Pecoriello e Rubino (2011) como um instrumento de superação da crise da política e construir um consenso, e, também, de *empowerment* da comunidade local por meio da construção de conhecimento compartilhado entre especialistas e habitantes sobre valores patrimoniais do território, definido como “consciência de lugar”. O diálogo da escola territorialista com Geddes se refere à participação de crianças, na representação e projeto da cidade e do território, como atores protagonistas para o reconhecimento da identidade e a transformação cultural. As autoras revelam a dificuldade de combinação de processos de aprendizagem e de planejamento, que possuem temporalidade e linguagem diferentes, e enfrentam essa problemática por meio de instrumentos como o *community map*, uma construção de cenários de desenvolvimento, envolvendo os habitantes em ações de organização, com o protagonismo das crianças.

A temática e metodologia da participação em processos de produção e projeto do espaço urbano (PECORIELLO, 2002; PECORIELLO; PABA, 2006) se fundamentam na criação de um laboratório de projeto participativo com crianças de escolas públicas, para a construção de um *community map*, com os seguintes objetivos: 1) para um melhoramento do espaço público: realização de percursos casa-escola, apropriação de espaços verdes, apropriação da rua para o divertimento, projeto de requalificação de pátios escolares, e crítica às barreiras arquitetônicas e urbanísticas; 2) para um melhoramento da cognição do ambiente: programas escolares que incentivem percursos ambientais, estudo de iconografia (cartografia, mapas e fotos), realização de entrevistas, construção de narrativas, e desenho de mapas mentais; 3) para uma participação na vida pública: realização de entrevista a lideranças políticas, e participação em conselhos comunitários; 4) para uma formação e transmissão de conhecimento sobre o uso da cidade pelas crianças: realização de cursos de formação e informação, concursos, e campanha de sensibilização.

METODOLOGIA DE REPRESENTAÇÃO DE VALORES COM CRIANÇAS

Além de Geddes, outros autores influenciam a metodologia de representação do território com crianças proposta por Anna Lisa Pecoriello, como Piaget (1976), com a concepção de desenvolvimento da personalidade da criança, e a identificação de um modelo de cognição correspondente à de um adulto, baseado em habilidades como habilidade lógica e matemática, analisadas por meio de desenhos de representação do espaço. Pecoriello alerta, todavia, para o denominado pessimismo piagetiano, que subestima a capacidade de interação, experiência, e aprendizagem da criança, e pode se equivocar ao classificá-la como sujeito que “ainda não é”, mas “se tornará”. O trabalho de Pecoriello e Paba (2006, p. 26-27) possui como argumento basilar a defesa de que a criança é sujeito e ator social relativamente autônomo, um *humanbeing*, não um *humanbecoming*, nem um quase adulto ou um futuro cidadão; ao contrário, pesquisas e práticas inovadoras recentes revelam as crianças como atores sociais em senso pleno, protagonistas da vida da cidade, portadores de exigências específicas, possuidoras de uma visão específica, diversa e irreduzível, comparada com a dos adultos, o que justifica a necessidade de negociação de uma justa distribuição de recursos, tempo e espaço, de liberdade e responsabilidade.

Magnaghi (2005, p. 10) aponta que a motivação pelo estudo da representação identitária é o fortalecimento da hipótese da produção da riqueza pela valorização sustentável do patrimônio territorial de cada lugar. Para tanto é preciso compreender a concepção territorialista do conceito de patrimônio territorial, definido como um sistema de relações sinérgicas entre qualidade e peculiaridade do ambiente físico (clima, flora, fauna, aspectos geomorfológicos e hidromorfológicos), do ambiente construído (estrutura e infraestruturas de longa data, técnicas e materiais, morfologia urbana e territorial, características da paisagem), e do ambiente antrópico (modelos socioculturais, peculiaridades linguísticas, características do meio social). O tratamento do patrimônio territorial, para utilizar os valores como recursos, requer a construção de quadros cognitivos interpretativos, de forma integrada, dos três aspectos do patrimônio, no formato de mapeamento.

A argumentação adotada para a defesa da inclusão das crianças na fase de representação do território, segundo Poli (2006, p. 81), surge da inadequação da utilização da representação técnica como único recurso de obtenção de informação acerca da percepção e do desejo espacial da comunidade local, principalmente das crianças. Assim, torna-se justificável o interesse pela percepção espacial das crianças, principalmente a relação de identidade e pertencimento ao lugar, como oportunidade de acrescentar uma visão sensível e emotiva ao projeto urbano.

O desenho infantil é uma modalidade comunicativa com a qual a criança revela o seu mundo interior, um mundo complexo e não claramente organizado, no qual convergem interioridade, relação ambiental, sonho, experiência, dificuldade, níveis de socialização. Desde cedo, a criança percebe a presença de um mundo exterior e procura se apropriar do mesmo por meio de jogos, em forma duradoura e empiricamente documentável, por meio de desenho (POLI, 2006, p. 81). Como toda representação desse tipo, a infantil não é registro

objetivo da realidade, mas já é uma interpretação com a qual a criança se relaciona fortemente. O desenho é um meio eficiente entre a dimensão fantástica e a real, portanto, se corretamente decifradas, as imagens permitem penetrar no complexo mundo infantil. Os aspectos simbólicos, juntamente com os estruturais e formais, como o posicionamento da folha e da figura, a cor, a dimensão dos objetos representados, a modulação dos detalhes, são indicadores importantes para compreender a mensagem contida no desenho.

A representação do adulto, normalmente, se dá por dois horizontes. O primeiro é o infantil (o homem, a árvore e a casa), e o segundo é o geométrico-objetivo da carta topográfica (mapa de percursos com estradas e pontos de referência, frequentemente desenhados em planta). Inicialmente, o sistema de referência é o egocêntrico, em que o corpo é a bússola orientadora do movimento. Depois passa por vários estados: sistema de referência aloccêntrico, sistema de referência fixo, e sistema coordenado de referência, que utilizam referências externas para definir o horizonte espacial (POLI, 2006, p. 84).

Quanto às fases evolutivas da criança, há muitos modos de categorização da representação. O rabisco, entre 02 e 03 anos, tem caráter não intencional, sem finalidade de restituir o real; a prospectiva, entre 09 e 14 anos, é uma tentativa intencional de reproduzir o mundo circundante mediante técnicas mais sofisticadas. Sobretudo, as crianças tendem a produzir imagens bidimensionais em que os objetos vêm alinhados numa folha com a intenção mais de classificação do que descrição, o que enfatiza a importância do objeto em si e não tanto sua relação com o entorno. Dentre as possibilidades de técnicas para atuação das crianças em processos de planejamento, entende-se que o desenho é um dos instrumentos ideais para decodificar a sua percepção espacial. A justificativa para usar o desenho como instrumento é que muitos estudos demonstram ser o mais adequado para obter informação das crianças, muito mais do que outras modalidades “frias” como o questionário, a entrevista, ou ainda o relatório (POLI, 2006, p. 83-84).

Para Poli (2006, p. 86), alguns estudos demonstram que para um sujeito entre 06 e 11 anos a descrição da memória do percurso casa-escola é mais correta e rica em informação se reproduzida por meio de desenho livre, ao invés de recurso verbal ou reconhecimento em uma foto aérea ou um mapa. Pois, o uso da carta topográfica ou da foto aérea, como jogo pode criar interferência na percepção do lugar, por parte dos pequenos, abstém seu senso de orientação espacial peculiar, caracterizado pela imersão no lugar. A produção cartográfica recortada somente pela visão constitui um expectador objetivo e insensível, onde a paisagem visível é analisada e avaliada cientificamente e não emocionalmente. A simples carta topográfica é vista, então, como um instrumento redutivo, incapaz de abranger a multidimensionalidade do espaço.

Nesse contexto, revela-se a gênese da representação do território – a cartografia histórica – que comunica uma visão egocêntrica do espaço em que o corpo, com todos os sentidos, desempenha um papel relevante na percepção e restituição do contexto circundante. A representação nasce de um contínuo oscilar entre subjetividade e objetividade, por esse motivo, analogicamente, algumas cartas históricas recordam o desenho das crianças. É um desenho que nasce da recordação, da memória, que se dispõe na folha seguindo um escaneamento do lugar, mantendo a orientação do corpo que se move no espaço, sem recorrer a

¹ Este experimento é desenvolvido no âmbito de trabalho de dissertação de mestrado “Mapeando o Patrimônio Territorial: método e técnica de representação de valores em Santa Leopoldina/ES – Brasil”, num primeiro momento em agosto de 2014 e num segundo momento em maio de 2015.

referências geográficas externas. É um método que manifesta a atribuição subjetiva de valores, por meio da dimensão – maior ou menor – e com certa independência às formas geométricas (POLI, 2006, p. 87).

REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL DE SANTA LEOPOLDINA COM CRIANÇAS

Com relação ao objeto de estudo (SERRA, 2006), Geddes defende a ideia de pesquisa em cidades menores e em processo de crescimento, como *locus* que possa auxiliar no entendimento de cidades maiores; por exemplo, no contexto inglês, Birmingham e Londres, e no brasileiro, Santa Leopoldina e Vitória. Essa concepção está presente no que se refere à *civics*, isto é, a qualidade não é totalmente função direta com a quantidade. Ainda, a partir do conhecimento de cidades maiores, é possível repensar o crescimento das menores, a partir do método de levantamento urbano unificado. A escola territorialista atualiza a valorização de Geddes ao contexto local, propondo um “retorno ao lugar”, por meio do patrimônio ambiental, territorial e socioeconômico em suas dimensões locais, e do *empowerment* da comunidade local, como pilares para o projeto de um desenvolvimento local autossustentável (MAGNAGHI, 2010).

A cidade de Santa Leopoldina compreende sítio histórico de interesse patrimonial, caracterizado pela ocupação de imigrantes alemães, pomeranos, austríacos, holandeses, suíços, a partir da metade do século 19, com o objetivo de ocupar o interior do estado do Espírito Santo, e para a produção do café (ANDRADE, 2012; ANDRADE, 2012a).

O método condutor para pesquisa em Arquitetura e Urbanismo encontra em Serra (2006) o *corpus* metodológico necessário para caracterizar o objeto-modelo e o objeto-concreto. O objeto-modelo trata-se do elenco de uma experiência precedente, consolidada, que permite análise crítica e definição de parâmetros a serem utilizados na abordagem empírica. O objeto-concreto trata-se do elenco de um objeto para aproximação empírica, a fim de aplicar e/ou adaptar o método modelo no experimento. Com efeito, o modelo são as experiências de Pecoriello (PECORIELLO, 2002; PECORIELLO; PABA, 2006); e o concreto é a abordagem empírica¹ desenvolvida com crianças, de 11 anos de idade, em média, da Escola Alice Holzmeister, na cidade de Santa Leopoldina, no Estado do Espírito Santo, Brasil.

Dentre as técnicas propostas por Pecoriello (2002), destacam-se, no recorte temático deste artigo: 1) *ir até a escola sozinho*: exercício onde os alunos de determinada escola realizam desenhos do percurso casa-escola, e depois assinalam em mapa cadastral, com barbante e prego, enriquecida com desenhos e fotos, o percurso de suas respectivas casas até a escola, a fim de agrupar pontos de encontro, e escolher caminhos seguros e agradáveis para todas as crianças caminharem até a escola autonomamente; 2) *o oásis ecológico*: atividade em que as crianças de determinada escola participam de projeto de recuperação de uma quadra, em que, inicialmente, analisa-se o ambiente construído e a qualidade de habitação existente, a história, a evolução tipológica, e os materiais, tendo como produção um mapa com representação da intervenção na área.

Ao final do desenvolvimento do trabalho com crianças, é produzido um mapa coletivo afetivo, que é resultado de um percurso de experimentação de diversas técnicas que desenvolvem a capacidade de observação e restituição artística, não intencional, não manipulada, e não mimética, mas sim interpretativa. Vale ressaltar, algumas crianças podem ter dificuldade de desenhar; assim, para apoiar a produção dos desenhos, utiliza-se a técnica da narrativa e da reflexão coletiva para fazer emergir os aspectos significativos do lugar.

Com efeito, a classe escolhida para trabalho experimental é o 6º ano, justamente o ano em que diversos alunos de núcleos rurais escolhem a cidade de Santa Leopoldina e a Escola Alice Holzmeister para continuar seus estudos. Esta recebe alunos do próprio centro urbano e, principalmente, de núcleos rurais mais próximos, como Suíça e Luxemburgo. A intenção é justamente observar a dialética entre esses alunos de lugares diferentes, para identificar se os atores sociais possuem relação de afetividade patrimonial ou ruptura com a identidade local. A perspectiva de aproximação com as crianças de Santa Leopoldina se refere à aplicação e ajuste da metodologia e das técnicas da abordagem territorialista (PECORIELLO, 2002; PECORIELLO; PABA, 2006; POLI, 2006), num esforço de reflexão para sua aplicação aos objetos-concretos do experimento.

Como ponto de partida, são elencadas duas técnicas, decodificadas de estudos realizados em Bolonha (POLI, 2006), a do desenho do percurso casa-escola e a do mapa mental coletivo. Após a realização da primeira técnica é possível estruturar a montagem da segunda técnica, tendo em vista a observação do número de repetição dos mesmos elementos no desenho das crianças.

Num segundo momento, de interpretação dos desenhos produzidos nas técnicas acima descritas é realizado com o embasamento metodológico de decodificação de desenhos infantis indicada por Stern (1962 apud COLA, 2003, p. 50), que consiste em uma aproximação analítica de características formais, tais como: 1) forma e tamanho dos desenhos; 2) vigor ou leveza de aplicação do material sobre a superfície; 3) monocromia ou policromia – tons dominantes ou cores variadas; 4) estrutura do espaço e organização. Por meio da identificação e interpretação dessas características formais é possível alcançar uma síntese de hierarquização de valores patrimoniais no centro urbano de Santa Leopoldina.

Realiza-se a prática de livre-expressão “desenho do percurso casa-escola” (Figura 2a), para a identificação tanto de elementos arquitetônicos, urbanos e paisagísticos referencias para as crianças, quanto de sua relação com a cidade, bem como possíveis problemas, para a identificação dos principais elementos constitutivos da percepção espacial. A maioria dos desenhos destaca no que tange ao patrimônio ambiental: a presença do Rio Santa Maria da Vitória e dos afluentes, e a vegetação; e, no que tange ao patrimônio territorial: igrejas e estabelecimento comercial, espaço público para divertimento, a própria casa, a Escola Alice Holzmeister.

Em particular um desenho se preocupa com os “problemas da minha cidade”, como o caso de enchentes recorrentes e a dificuldade de sair de casa e chegar até à escola, como consequência da chuva e da topografia acidentada, em estrada onde o ônibus escolar trafega (Figura 2b). Em geral, nos desenhos da figura 2, destaca-se a importância facultada pelas crianças ao patrimônio

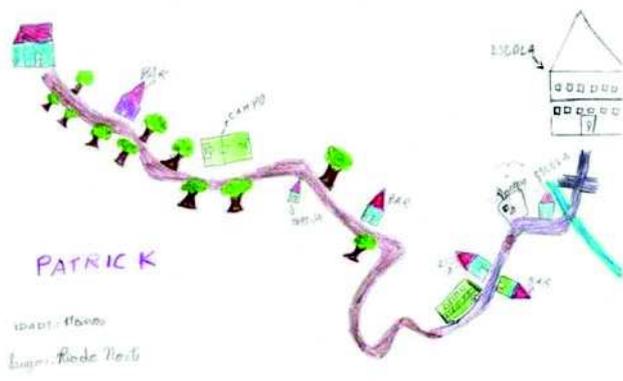


Figura 2a - 11 anos

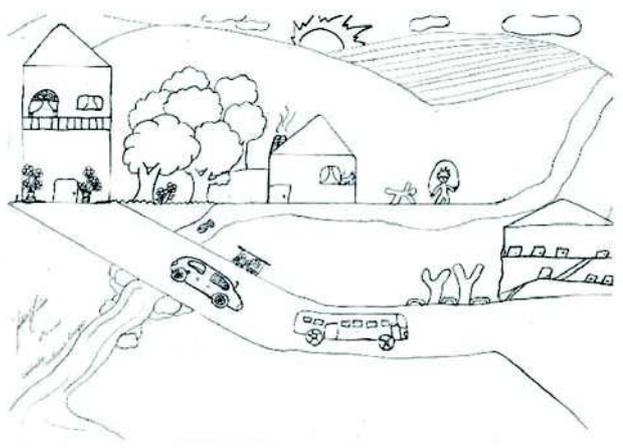


Figura 2b - 11 anos



Figura 2c - 12 anos



Figura 2d - 12 anos

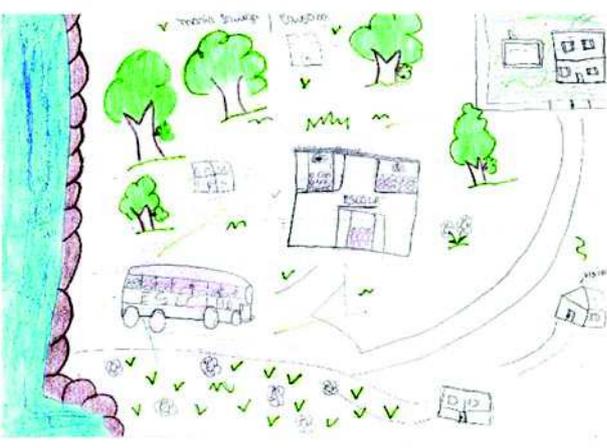


Figura 2e - 13 anos

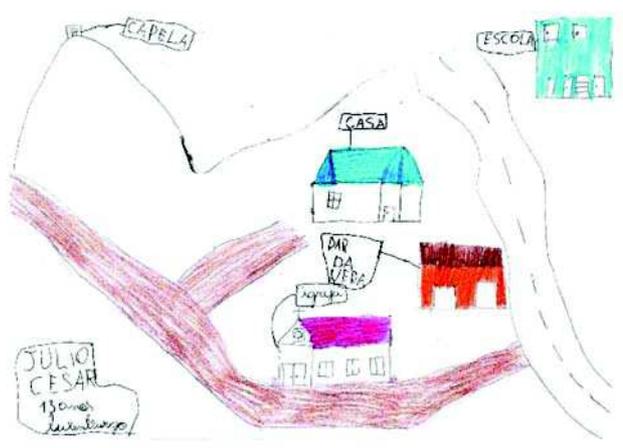


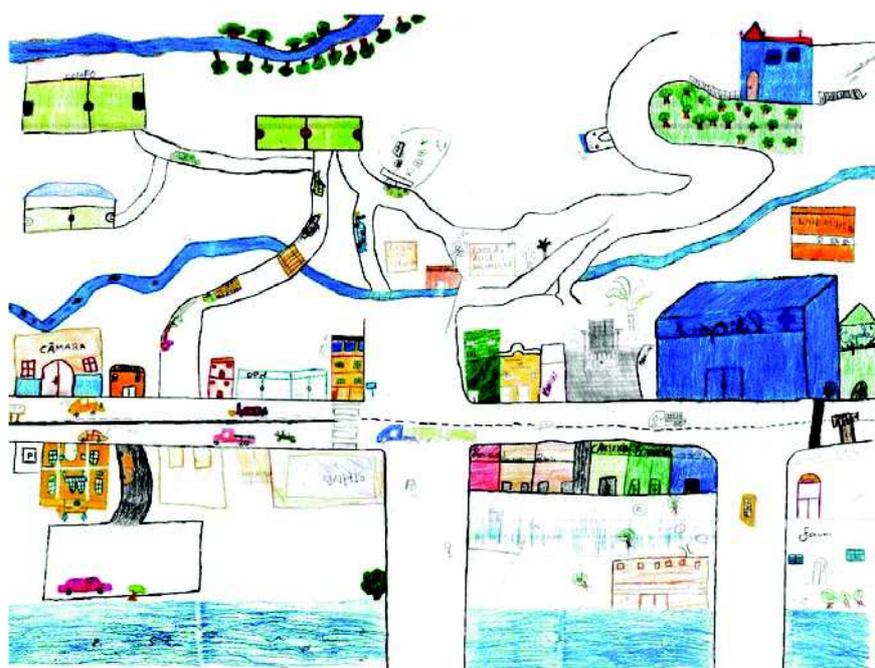
Figura 2f - 13 anos

Figura 2: Percurso casa-escola.
Fonte: ANDRADE, 2015.

ambiental; a preocupação com a poluição do rio, e a má poda das árvores; a presença da religião, espacializada em diversos edifícios, emanando as tradições religiosa católica e protestante trazidas pelos imigrantes europeus, principalmente de origem germânica; estabelecimentos comerciais, como pontos de referência do percurso casa-escola, já que não há muitos edifícios no caminho da casa, em áreas rurais, para a escola no centro urbano; e, por fim, a presença de espaços abertos, para recreação, como a praça na parte baixa do rio, próxima à escola, utilizada como *playground*, e o campinho, utilizado para jogos esportivos, revela a necessidade de apropriação de espaços não pertencentes a escola para lazer e exercícios.

No que se refere ao mapa coletivo afetivo (Figura 3) atendendo aos critérios de análise das características formais do desenho de crianças, como: 1) Forma e tamanho dos desenhos: há busca por formas geométricas, com a utilização de régua para determinados edifícios, como Hospital, e áreas de lazer, como o campo de futebol. A sinuosidade é percebida para além do centro urbano, nos percursos sem asfaltamento, e nos afluentes do Rio Santa Maria. A identificação da geometria e da sinuosidade são indicadores para digitalização no Sistema de Informação Geográfica (QGIS), com ênfase ao córrego que tangencia a escola das crianças identificada como valor de maior importância; 2) Vigor ou leveza de aplicação do material sobre a superfície: há maior predominância de vigor no desenho das formas, principalmente a malha viária, e as quadras; 3) Monocromia ou policromia – tons dominantes ou cores variadas: há predominância de policromia, e o azul como tom dominante, presente nos afluentes, na igreja e no hospital, cujas cores reais não são em azul; 4) Estrutura do espaço e organização: o espaço é estruturado em um recorte onde há presença do que as crianças consideram “casario” de Santa Leopoldina, e organizado em torno da malha viária e dos cursos d’água.

Figura 3: Mapa coletivo afetivo.
Fonte: ANDRADE, 2015.



É possível observar a relação de afetividade das crianças com os elementos naturais paisagísticos, como o Rio Santa Maria da Vitória e os afluentes, e com espaços públicos para divertimento, identificados nos campinhos para jogar futebol. Destaca-se, arquitetonicamente, além de edifícios comerciais: a) Igreja Sagrada Família, como “marco na paisagem”, segundo um dos alunos descreve, todavia a fachada é pintada de azul, quando a cor original é branca; b) Prefeitura Municipal de Santa Leopoldina, desenhada nas cores originais amarelo e branco, inclusive com riqueza de detalhes de janelas e ornamentos; c) Hospital, desenhado desproporcionalmente em relação aos edifícios vizinhos, e pintado em cor não original, de azul, quando a cor real é verde claro, tanto a escala quanto a cor revelam a importância na memória das crianças desse edifício; d) Museu do Colono, com correspondência de escala, cor e inclusive relação na fachada superior com ornamento original do edifício, que comporta a antiga residência da família Holzmeister, imigrantes austríacos vindos em meados do século 19; e) Fórum, apesar do erro da localização, é lembrado dada a relevância histórica do uso e do edifício na dinâmica da cidade; f) Câmara, desenhada com apuro de detalhes e cores; g) Escola Alice Holzmeister, desenhada como referência para o início dos desenhos, ao centro do papel A0; h) Escadaria, desenhada com régua com precisão formal, proporção dos degraus, e referência a ornamentos originais; i) Capela, em cor mais aproximada à real, em verde claro, ao lado do Hospital; j) Departamento de Política Militar (DPM), com contorno azul e preenchimento em cinza claro, com referência à cor azul de alguns detalhes arquitetônicos do edifício.

Em suma, a aplicação de metodologia de Pecoriello (PECORIELLO, 2002; PECORIELLO; PABA, 2006) permite aproximação ao corpo pedagógico da Escola Alice Holzmeister e desenvolvimento de trabalho de aplicação de técnicas de desenho, cuja representação, tanto dos desenhos individuais quanto do coletivo, é decodificada no sentido da relação de valorização do patrimônio ambiental e de crítica ao espaço urbano da cidade de Santa Leopoldina. É possível interpretar indicadores de preservação e limpeza do rio, de conservação da vegetação nativa e das árvores no centro urbano, da interação social a partir das igrejas, da crítica quanto à estética e ao espaço público insuficiente para lazer, mas principalmente, a revelação da problemática de deslocamento no centro urbano, devido ao tráfego de veículos, ao ruído, compreendidos como barreiras arquitetônicas e urbanísticas. Não obstante, identifica-se o conhecimento e relação de identidade com a história da cidade, que remonta à ocupação por imigrantes, majoritariamente germânicos, de meados do século 19.

AS CRIANÇAS E OS VALORES PATRIMONIAIS DA CIDADE

Patrick Geddes é identificado como precursor de nexos teóricos a respeito da inserção de crianças como atores a serem ouvidos, com demandas a serem consideradas, de uma origem lúdica de sonho e fantasia, a realização de uma utopia, denominada *Eutopia* (GEDDES, 1994). A qualidade positiva do sonho para inserção no planejamento urbano, gerada a partir de processos participativos de crianças, é enriquecida pela isenção de valores econômicos e técnicos. O ideário geddesiano, da passagem do século 19 para o século 20,

confronta-se com a ciência positivista, com o desenvolvimento industrial, e com a gênese do Pensamento Moderno, na busca de vanguarda por reposicionar o homem na centralidade do planejamento urbano, segundo uma abordagem antropológica, e a relação do homem com o meio ambiente, segundo uma abordagem pedagógica e ambiental. Portanto, o discurso de Geddes é a favor não de um homem abstrato, advindo do urbanismo funcional, consolidado pela Carta de Atenas (1933), mas de um homem possível, um homem eutópico, munido de sua capacidade de participação no planejamento da cidade.

Trata-se de um discurso de vanguarda para a época em que tal ideário é abordado, ao passo que continua sendo considerado atual, principalmente ao ser reconhecido e incorporado pela escola territorialista, e operacionalizado em um *corpus* metodológico, no que diz respeito a uma abordagem participativa, instaurando procedimentos, técnicas e instrumentos de envolvimento de crianças na representação e no projeto da cidade. Os experimentos propostos por Pecoriello, com crianças de Florença, mostram-se eficazes com relação a essa busca e ao enfrentamento da problemática de projeto participativo, por meio do elenco de técnicas de desenho e intervenção na cidade capazes de serem interpretadas como subsídios e indicadores de projeto. A consideração da criança como cidadã de direito à cidade, com seu protagonismo, desejo, sonho e perspectiva peculiares, permite a criação de um *Manifesto para a Cidade Criança* (PECORIELLO; PABA, 2006), que dialoga com as “Mostras do Bem-Estar da Criança” de Patrick Geddes.

A interpretação dos desenhos individuais, do experimento com a Escola Alice Hozmeister, em Santa Leopoldina, revela um contraste entre a exposição de uma perspectiva positiva em relação ao patrimônio ambiental e urbano, e uma perspectiva crítica evidenciando os problemas da cidade. Ainda, o produto deste experimento pode ser categorizado numa leitura teórico-metodológica e numa leitura projetual. A primeira questiona em que medida os desenhos revelam a experiência infantil na cidade, e a segunda questiona em que medida os desenhos revelam um entendimento particular para intervenção projetual. Com efeito, a maioria dos desenhos individuais se afina com a exposição positiva, a exemplo do desenho de Patrick, com o destaque para a relação da criança com os valores ambientais, um indicador projetual de preservação da dimensão do patrimônio ambiental; enquanto uma minoria se afina com a exposição crítica de Natália relativa aos problemas presentes na cidade, um indicador projetual de transformação de dimensão do patrimônio urbano.

O trabalho de construção do mapa coletivo afetivo também revela um contraste entre uma visão positiva e uma crítica, observado no desenho das crianças na divisão em duas áreas, uma de referência ao ambiente paisagístico, e outra ao ambiente urbano. No primeiro, há destaque para rio, vegetação e espaço de lazer; e, no segundo, destaca-se a crítica com relação à inexistência de espaço público, a problemática de deslocamento na cidade, somada à de tráfego de pequeno, médio e grande porte, o ruído e a poluição. Há, contudo, uma indicação de reconhecimento da história, na disposição dos edifícios e na presença de ornamentos arquitetônicos que rememoram o estilo neocolonial e eclético. Como expresso no ideário de Geddes e sua teoria a respeito da relação da criança com as estórias e fábulas; ambos os desenhos manifestam uma relação afetiva com o ambiente paisagístico maior do que com o ambiente urbano, ou seja, uma relação maior com a natureza do que com a própria

história, cultura e economia local, expressas ou não na arquitetura e na forma urbana da cidade de Santa Leopoldina.

A abordagem empírica evidencia a relevância da investigação realizada, no âmbito da participação da comunidade local na representação e no projeto da cidade; e evidencia o caráter de inovação, ao experimentar, no contexto de uma cidade brasileira, no campo da arquitetura e do urbanismo, uma metodologia de aproximação com crianças advinda da Itália, de perspectiva territorialista, como instrumento de análise e projeto do território, ainda não realizados no Brasil. Ressalva-se o caráter intuitivo da interpretação dos desenhos infantis, porque direcionado pela ótica de especialistas. A potencialidade de desdobramento desta investigação direciona-se à: ampliação de abordagem quantitativa do experimento participativo a outros atores indicados por Guedes e pelos territorialistas, na discussão contemporânea da cidade insurgente (PABA, 2002), e suas contradições e conflitos; e ampliação e aprofundamento técnico-metodológico, para além do desenho, com vistas ao desenvolvimento de instrumentos de incentivo à participação e intervenção direta da comunidade local na cidade, seja por uma aproximação virtual, por meio de *Volunteered Geographyc Information (VGI)* (MOURA *et al.*, 2014), seja por uma aproximação real, em um Laboratório de Projeto Integrado (POLI, 2006).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Bruno Amaral de. *Rio Santa Maria da Vitória, patrimônio protagonista do desenvolvimento regional de Santa Leopoldina/ES*. Relatório de Iniciação Científica (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- ANDRADE, Bruno Amaral de. *Uma rota patrimonial para o baixo rio Santa Maria da Vitória/ES*. Instrumento de conservação, valorização, requalificação e/ou transformação do Patrimônio Territorial. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012a.
- ANDRADE, Bruno Amaral de. *Representando o patrimônio territorial com tecnologia da geoinformação*. Experimento em Santa Leopoldina – Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.
- CHOAY, Fraçoise. *La città. Utopie e realtà*, Turim: Giulio Einaudi Editore, 2008.
- COLA, César. *Ensaio sobre o desenho infantil*. Lorena: CCTA, 2003. 1014 p.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Pegada ecológica e sustentabilidade*. São Paulo: Gaia, 2002.
- FERRARO, Giovanni. *Rieducazione alla speranza: Patrick Geddes, planner in India, 1914-1924*. Milão: Jaca Book, 1998.
- GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- GEDDES, Patrick. *City Development: a study of parks, gardens and culture institutes. A report to the Dunfermline Carnegie Dunfermline Trust*. Edimburgo: Geddes and company; Birmingham: Saint George Press, 1904. 231 p.
- KINDEL, Eunice Aita Isaia. *Educação ambiental*. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- LINDNER, Nelcio. *Educação ambiental como meio de integração do sistema de gestão ambiental à cultura organizacional: uma proposta metodológica*. 2000. 184 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. 184 p.
- MAGNAGHI, Alberto. *Rappresentare i luoghi*. Metodi e tecniche. Florença, Alinea Editrice, 2001.
- MAGNAGHI, Alberto. *La rappresentazione identitaria del territorio*. Atlanti, codici, figure, paradigmi per il progetto locale. Florença: Alinea Editrice, 2005.

- MAGNAGHI, Alberto. *Scenari strategici*. Visioni identitarie per il progetto di territorio. Florença: Alinea, 2007.
- MAGNAGHI, Alberto. *Il progetto locale: verso la coscienza di luogo*. Turim: Bollati Boringhieri, 2010.
- MAGNAGHI, Alberto. *La regola e il progetto: un approccio bioregionalista alla pianificazione territoriale*. Florença: Firenze University Press, 2014.
- MAGNAGHI, Alberto; GIACOMOZZI, Sara. *Un fiume per il territorio: Indirizzi progettuali per il parco fluviale del Valdarno empoiese*. Florença, Firenze University Press, 2009.
- MARGUCCIO, Antonio. *Il progetto di territorio tra intuizione e metodo*. Lisboa: Inseadcity, 2009.
- MOURA, Ana Clara Mourão; ALMEIDA, Rafael Novais Martins de; CORRÊA, Isadora Monteiro. VGI (Volunteered Geographic /-information) aplicado para promover a participação cidadã em Belo Horizonte - MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, 26., 2014. *Anais...* Gramado, Rio Grande do Sul. Disponível em http://www.cartografia.org.br/cbc/trabalhos/6/723/CT06-118_1404418005. Acesso em: 15 jun. 2015.
- PECORIELLO, Anna Lisa. *La città in gioco. Prospettive di ricerca aperte dal riconoscimento del bambino come attore nella trasformazione della città*. Tese (Doutorado em Progettazione Urbana e Territoriale e Ambientale), Facoltà di Architettura da Università degli Studi di Firenze, 2002.
- PECORIELLO, Anna Lisa; RUBINO Adalgisa. Esperienze di partecipazione, In: *Contesti 2/2010 - Il progetto territorialista*. Florença, All'Insegna del Giglio, 2011. 128 p.
- PECORIELLO, Anna Lisa; PABA, Giancarlo. *La città bambina*. Esperienze di progettazione partecipata nelle scuole. Florença, Masso delle Fate, 2006. 216 p.
- PIAGET, Jean. *La rappresentazione dello spazio nel bambino*. Florença: Giunti Barbera, 1976.
- PABA, Giancarlo. *Insurgent City: racconti e geografie di un'altra Firenze*. Florença, Media Print, 2002.
- POLI, Daniela. *Il bambino educatore*. Progettare con i bambini per migliorare la qualità urbana. Florença: Alinea, 2006.
- SERRA, Geraldo G. *Pesquisa em arquitetura e urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: Edusp & Mandarim, 2006.
- STERN, Arno. *Uma nova compreensão da arte infantil*. Tradução de Lya Freire. Lisboa: Livros Horizontais, 1962 apud COLA, César. Ensaio sobre o desenho infantil. Lorena: CCTA, 2003. 1014 p.

Nota do Editor

Data de submissão: 29/07/2015

Aprovação: 03/05/2016

Revisão: Izolina Rosa

Bruno Amaral de Andrade

Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2883004910881772>

deandradebruno@outlook.com

Renata Hermann de Almeida

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6084375628734298>

renatahermann@gmail.com